

**A GRAMÁTICA DE FERNÃO DE OLIVEIRA: A ORIGEM DA  
LÍNGUA PORTUGUESA E SEUS IMPACTOS POLÍTICOS,  
CULTURAIS E SOCIAIS NO SÉCULO XVI**

*Stephanie Cunha dos Santos da Silva* (UFF)

[cunhastephanie@id.uff.br](mailto:cunhastephanie@id.uff.br)

*Leonardo Ferreira Kaltner* (UFF)

[leonardokaltner@id.uff.br](mailto:leonardokaltner@id.uff.br)

**RESUMO**

Sendo a língua um componente fundamental para constituição dos indivíduos, para a maneira que se organizam socialmente e constroem suas instituições políticas, o presente trabalho tem por objetivo debater a respeito da importância histórica da elaboração da primeira gramática da língua portuguesa elaborada por Fernão de Oliveira no ano de 1536, em Lisboa. Buscar-se-á desenvolver uma análise histórico-linguística do documento medieval a fim de entender em que medida a tradição gramatical latina influi na construção de uma intelectualidade portuguesa. Para tanto, lançaremos mão do aparato metodológico da historiografia linguística desenvolvida por Pierre Swiggers (2012) e Konrad Koerner (2014) os quais apontam três princípios: o da contextualização, o da imanência e o da adequação. Assim, o trabalho se apresenta como uma pesquisa interdisciplinar entre os campos da História e da Linguística.

**Palavras-chave:**

Gramática portuguesa. Historiografia linguística. Fernão de Oliveira.

**ABSTRACT**

Since language is a fundamental component for the constitution of individuals, for the way they organize themselves socially and build their political institutions, the present work aims to debate about the historical importance of the elaboration of the first grammar of the Portuguese language elaborated by Fernão de Oliveira in 1536, in Lisbon. It will seek to develop a historical-linguistic analysis of the medieval document in order to understand to what extent the Latin grammatical tradition influences the construction of a Portuguese intellectuality. To this end, we will make use of the methodological apparatus of linguistic historiography developed by Pierre Swiggers (2012) and Konrad Koerner (2014) which point to three principles: contextualization, immanence and adequacy. Thus, the work presents itself as an interdisciplinary research between the fields of History and Linguistics.

**Keywords:**

Linguistic historiography. Portuguese grammar. Fernão de Oliveira.

**1. Introdução**

O gramático Brasileiro Evanildo Bechara (2009) afirma que a língua portuguesa é herdeira direta do latim representando assim uma

continuação cultural do pensamento ocidental latino ao longo dos séculos. Deste modo, se pode pensar em um processo de continuidade ao falar da tradição gramatical que remonta a cultura grega de organização do pensamento que por meio dos romanos chega ao mundo contemporâneo. Sendo a língua um elemento de suma importância para a organização social e política das sociedades a elaboração de uma gramática de língua portuguesa pelo gramático, filólogo, historiador, cartógrafo, frade, diplomata, marinheiro e teórico de guerra Fernão de Oliveira no ano de 1536, em Lisboa revela aspectos que vão muito além das questões linguísticas. Por esta razão o objetivo do presente trabalho é entender de que maneira a elaboração de um tratado gramatical representa dentro de um contexto político-social como o da sociedade portuguesa quinhentista.

A gramatização de uma língua permite sua cristalização no espaço-tempo que leva esse sistema a ser conhecido e analisado ao longo dos séculos. O latim serve de base para constituição das línguas românicas e se configura como uma espécie de vínculo entre a comunidade intelectual falante do português. Por isso, é possível observar o interesse por esta documentação em outras localidades, inclusive em outras nacionalidades, como nas universidades do Brasil onde no banco de dados se encontram trabalhos sobre Fernão de Oliveira. Para proceder a pesquisa a metodologia aplicada será aquela proposta por Pierre Swiggers e Konrad Koerner, que propõem três princípios fundamentais: o princípio da contextualização, o da imanência e o princípio da adequação.

## **2. A sociedade medieval portuguesa: o processo de construção de uma intelectualidade**

Alexandre Herculano foi, segundo o *site* do Camões I.P., um escritor e historiador português nascido em 1810 que ao longo de sua vida se mostrou um personagem ativo nos debates políticos e intelectuais. Sendo opositor ao regime absolutista de D. Miguel e se envolvendo na conspiração de 21, Herculano exila-se na Inglaterra e na França. Ana Maria dos Santos Marques ao escrever para o *site* do Camões I.P. afirma:

Em 1839, é nomeado por D. Fernando bibliotecário-mor das Reais Bibliotecas das Necessidades e da Ajuda. Nesta altura, entrega-se a um sistemático trabalho de pesquisa, influenciado pelos historiadores franceses Thierry e Guizot, de que resulta a publicação, em 1842, na Revista Universal Lisbonense, das “Cartas sobre a História de Portugal”. Estas constituem o ponto de partida para a História de Portugal, cujo primeiro volume sai em 1846 (os três seguintes em 1847, 1849 e 1853) e origina uma acesa polémica.

mica com o clero porque nele é posto em causa o “milagre de Ourique”; os textos desta polémica estão reunidos nos opúsculos *Eu e o Clero* e *Solemnia Verba*, publicados em 1850. É encarregado pela Academia Real das Ciências de recolher documentos antigos para a coletânea *Portugaliae Monumenta Historica* e, por isso, percorre várias regiões do país. Dessas viagens nasce *Cenas de um Ano da Minha Vida e Apontamentos de Viagem* (1853-1854). O contacto direto com a realidade nacional reforça a sua convicção de que o país necessitava de reformas a vários níveis: educativo, administrativo e económico. (CAMÕES I.P.)

Entender quem foi esse escritor e historiador é um passo elementar para analisar os seus escritos sobre Portugal. Suas narrativas históricas inauguram um novo gênero na literatura portuguesa: o romance histórico, “no qual o autor pode pôr em prática as qualidades de investigador do passado, principalmente da Idade Média, e os seus propósitos pedagógicos” (CAMÕES I.P.). Em sua obra, *História de Portugal*: desde o começo da Monarquia até ao fim do reinado de Afonso III, Herculano inicia abordando um pouco sobre a classe ilustrada portuguesa em sua gênese, a respeito da qual aponta que

Nas universidades e nas escolas, nos mosteiros e nas palestras literárias chegou a ser vergonhoso o uso da própria língua: estudavam-se com afincos os monumentos de todo o gênero relativo à vida civil antiga, e os eruditos a tal ponto se embebiavam nessa existência de convenção, que nos seus escritos quase que não se encontrava uma sentença, uma alusão, uma ideia, que não seja tirada de livros gregos ou romanos. (HERCULANO, 1980, p. 33)

Existia um apreço tão grande pela Antiguidade que “O presente era ele uma tradição; o passado uma existência real” (HERCULANO, 1980, p. 34). Alexandre Herculano (1863) em sua análise remonta ao período de domínio romano para compreender de que maneira a sociedade portuguesa pode ser lida:

Se o trato com as nações barbaras teve poderosa influencia no idioma latino, qual não devia ser a deste nos dos povos conquistados, quando um dos meios que a política romana considerava como mais eficazes para consolidar o seu domínio era a introdução da própria linguagem? “Trabalharam – diz S. Agostinho – para que a altiva Roma não só impusesse o seu jugo aos povos vencidos, mas até a sua língua depois de associados pela paz”. A organização administrativa das províncias novamente adquiridas era, de feito, a mais conveniente para obter semelhante fim. (HERCULANO, 1980, p. 69)

Deste modo, o autor demonstra a influência do latim no processo formativo português o que é fundamental para elucidar-nos a respeito da estruturação e consolidação do português bem como as bases necessárias para seu desenvolvimento. Alexandre Herculano em vários momentos de

seu trabalho aborda o período de domínio romano e a influência que este fato trouxe a história portuguesa de forma que, sendo ele próprio hoje uma fonte histórica do período em que viveu, pode-se dizer que a vinculação com a cultura “clássica” fez e faz parte da construção da identidade portuguesa desde o medievo até a contemporaneidade. Assim, no processo de formação da intelectualidade portuguesa será no mundo clássico onde se buscará os padrões estéticos, filosóficos e indenitários. Esse resgate, que em muitos momentos se configura até mesmo como um processo de continuação da cultura clássica pode ser percebido na vida e obra de Fernão de Oliveira.

O período em que viveu Oliveira é marcado inicialmente pela sucessão régia entre D. Manuel que morre devido ao contágio por uma epidemia de modorra em 1521, sendo sucedido pelo seu filho D. João III, a 19 de Dezembro de 1521 (Cf. MATTOSO, 1997, p. 449). A respeito do reinado de D. João III, Mattoso aponta:

João III vai continuar a política de construção de um aparelho burocrático mais eficaz, como vinha a ser prosseguido pelos monarcas anteriores: recorde-se o numeramento de 1527-1532, com a sequestrada divisão do Reino em novas correições e a erecção de novas dioceses, a criação de novos tribunais, como a Mesa da Consciência e Ordens e o Santo Officio da Inquisição, a redefinição de funções do chanceler-mor, do chanceler da Casa da Suplicação e do juiz da Chancelaria e o novo regimento dos desembargadores do Paço. Manteve, no entanto, um governo restrito. Em vez de magistrados com uma formação letrada superior, os altos cargos são ocupados por senhores e eclesiásticos dedicados; também tarimbeiros do serviço régio, como Pêro d'Alcáçova Carneiro. Este confessa a sua fraca bagagem escolar, pois pouco latim aprendera até aos 13 anos, idade em que começou logo a exercitar-se no ofício de secretário. E secretário, por vezes fazendo figura de escrívão da puridade, foi o lugar de confiança junto do rei que ocupou durante muitos anos - o pai, António Carneiro, servira D. Afonso V, D. João II, D. Manuel e ainda D. João III (Relações, 1937, p. X). Os Carneiros parecem ter sido os grandes responsáveis pela execução da política internacional, em que a opinião de D. Catarina seria a de maior peso, como em matéria ultramarina as do infante D. Luís e do conde da Castanheira (Dias, 1969, vol. II, p. 793, n.º 1; Deswarte-Rosa, 1991, pp. 243-298). (MATTOSO, 1997, p. 450)

O autor ainda chama a atenção para a força das influências cortesãs, a partilha de poderes com os demais corpos constituídos, senhores (eclesiásticos e leigos) e conselhos, teria se dado como uma tentativa da realeza de se superiorizar a todos os súditos apesar de, como salienta Mattoso (1997), não significar que o rei passe a reinar sobre iguais (Cf. MATTOSO, 1997, p. 71). O rei passa a jogar com as desigualdades existentes na sociedade, preferindo a mercê personalizada que era aquela que

o permitia ir equilibrando a distribuição de rendas, não dispensará as assembleias de todo, fará uso das mesmas apenas quando lhe for conveniente (Cf. MATTOSO, 1997). O professor José Mattoso (1997) ainda aponta que: “Reunião dos três estados do Reino – o clero, a nobreza e o povo, segundo uma estratificação cada vez menos precisa e menos significativa -, as cortes não reúnem sem ser a chamado do rei ou de um seu representante (regentes ou governadores)” (MATTOSO, 1997, p. 71).

No que tange a língua e a literatura é de se destacar que no início do século XV ocupava importante papel o castelhano, que se firmava como a língua mais relevante da cristandade até o momento, sendo em 1492 o ano de publicação da primeira Gramática sobre la Lengua Castellana elaborada por Antônio de Nebrija (Cf. MATTOSO, 1997). Muito dessa proeminência do castelhano em detrimento de outras pode ser explicado talvez pela ausência de uma linguagem escrita, que fosse suficientemente estruturada (Cf. MATTOSO, 1997), seja qual for a razão era um fato que as obras literárias em Portugal era majoritariamente elaboradas em língua castelhana, era necessário um maior florescer da língua portuguesa bem como um introdução da mesma como a linguagem da cultura, da tradição, do império. Grande era a pretensão de Nebrija ao constituir sua obra a respeito do qual Mattoso (1997) aponta:

Sem sair dos mesmos círculos cortesãos, note-se que Nebrija, ao fixar as regras de um idioma vernáculo, pretendia elevar o castelhano à categoria reservada ao latim e ao grego. O programa era ambicioso. Antes de mais, tratava-se de conferir o máximo de prestígio à única língua que, r momento da união das coroas de Castela e de Aragão, podia resolver os problemas da diversidade linguística peninsular. Ora, o prestígio de uma língua, considerada «sueta y fuera de regla», nã consistia na aprovação dos seus usos, nem das suas formas mais elaboradas literariamente, m em investi-la dos modelos da Antiguidade. Por isso, a Gramática sobre la Lengua tem de s devolvida ao seu contexto mais pertinente: o trabalho filológico sobre o latim. O latim e a eloquen dos clássicos deviam ser a base de uma nova cultura humanista (Rico, 1991, p. 36-43). (MATTOSO, 1997, p. 320)

Deste modo, a elaboração de um tratado de língua portuguesa se configura como um marco fundamental para o pensamento português bem como para a fundação de uma intelectualidade, trata-se de instituir um programa segundo o qual a língua deverá acompanhar o Império, esse movimento em muito se inspira no que já foi observado no escrito de Nebrija (MATTOSO, 1997).

### **3. Fernão de oliveira: o frade, intelectual e gramático**

Ao falar sobre quem foi Fernão de Oliveira, Thais Araújo e Ana Barbuto (2012) em seu artigo o descrevem como gramático, filólogo, historiador, cartógrafo, frade, diplomata, marinheiro e teórico da guerra e da construção naval. Um homem multifacetado e que elaborou obras de grande importância para a história de Portugal. Nascido em 1507, de origem humilde, Fernão inicia sua formação religiosa em 1520 na cidade de Évora no Convento Dominicano (Cf. ARAÚJO; BARBUTO, 2012). Não se sabe ao certo quais foram as circunstâncias que o levaram em 1532 a abandonar o convento e se refugiar em Castela, mas sabe-se que após 1540 o frade fez muitas viagens internacionais, chegando a se alistar por duas vezes em naus francesas, sendo capturado no Canal da Mancha pela frota inglesa cai nas graças de Henrique VIII, de modo que regressa a Portugal apenas em 1547 (Cf. ARAÚJO; BARBUTO, 2012). Por suas opiniões políticas é preso pela Inquisição pelo período de três anos.

Fernão obtém liberdade apenas em 1550, tendo que confessar seus erros e reassumir o caráter sacerdotal (Cf. ARAÚJO; BARBUTO, 2012). Fernão em seus escritos demonstra uma forte influência do pensamento renascentista, baseando-se nos tratados latinos, é classificada como uma das “Gramáticas estendidas do latim”, mas Thais Araújo e Ana Barbuto (2012) salientam que “deve-se destacar, entretanto, que, diferentemente dos autores dos compêndios gramaticais latinos, que tinham uma grande quantidade de estudos para os apoiarem, os vernaculistas, como Nebrija e Oliveira, tendo em vista o pioneirismo de seus intentos, tinham a árdua missão de descrever línguas sobre as quais pouco se sabia” (ARAÚJO; BARBUTO, 2012, p. 96).

O professor José Mattoso acredita que o esforço empreendido, inicialmente por Nebrija em relação a língua Castelhana, e posteriormente por Fernão de Oliveira se constituía primeiramente como uma forma de criar um programa onde a língua acompanhasse o Império e em segundo lugar, o aprofundamento do mesmo trabalho sobre a língua tendo por base os modelos clássicos do grego e do latim, colocando-os a serviço do português (Cf. MATTOSO, 1997). Desta forma, observa a vida e obra de Fernão de Oliveira é entender que se constitui como um período de inauguração de uma nova forma de se pensar, novas demandas estabelecidas pelo mundo Ultramar, bem como uma maior complexificação da sociedade com suas estruturas de corte mais bem definidas e burocráticas, a emergência de um pensamento humanístico renascentista que tinha por base os modelos clássicos aos moldes das demandas da sociedade daque-

le período. Em meio a esse cenário complexo, uma obra de gramática é muito mais que a cristalização de uma língua, não repousa apenas no campo da cultura e da sociedade, envolve a política e a identidade. A respeito do humanismo, aponta que

O Humanismo, atingindo o âmago da sociedade nos seus hábitos, nos seus gostos e na sua mentalidade, foi um impulso de simpatia, de imitação e de estudo, que teve como objecto o ressurgimento das formas de arte, literatura e filosofia da Antiguidade Greco-Latina (*studia humanitatis*). Deste modo, o homem, pela análise da herança dos autores clássicos, considerados como os máximos representantes das artes *humanitatis* ou *litteræ humaniores*, julgou tornar-se mais humano ou mais plenamente homem, desenvolvendo as capacidades físicas, intelectuais e morais, à imagem dos mestres da sabedoria e da ciência, da arte e da virtude, que Atenas e Roma tinham encarnado e revelado e que o Cristianismo tinha prolongado com outro espírito. No seu significado ideal, o Humanismo designa uma concepção do mundo e da existência que tem por centro o homem, fundamento, sujeito e fim de quaisquer instituições e movimentos. (MORAES, 2009, p. 47)

Um exemplo claro desse humanismo presente nos escritos de Fernão de Oliveira está no fragmento da página 13:

O estado da fortuna pode conceder ou tirar favor aos estudos liberais: e esses estudos fazem mais durar a gloria da terra em que florescem. Porque Grécia e Roma só por isso ainda vivem porque quando senhoreavam o mundo mandaram a todas as gentes a eles sujeitas aprender suas línguas: e em elas escreviam muitas boas doutrinas e não somente o que entendiam escreviam nelas: mas também trasladavam para elas todo o bom que liam em outras. (OLIVEIRA, 1536, p. 13)

A concepção de que as artes liberais fazem perpetuar a glória de onde florescem é completamente vinculada a essa formação humanística que por meio de uma aproximação como o mundo natural (no caso deste fragmento essa aproximação é perceptível por meio do emprego do termo “florescem”) que remonta a uma tradição que vem desde períodos muito remotos com a difusão do estoicismo grego, que alcança os romanos por meio dos escritos de Cícero. O resgate ao mundo clássico não é feito de forma desmedida, é visível a preocupação do autor em instrumentalizar essa memória por meio da lembrança de uma prática romana de dominação por meio da implementação do latim bem como a prática de traduzir os textos de outras línguas para o latim, como foi o caso de obras canônicas gregas que foram passadas ao latim como Homero.

Em um contexto de expansão portuguesa e consolidação do império o que é apresentado por Fernão de Oliveira é mais que uma sistematização do português é uma política de “conquista” pertinente ao que se

vivia em Portugal no período em que elabora sua obra. Oliveira se baseia em Nebrija e busca referência nos compêndios latinos, citando até mesmo Quintiliano (1536), mas seu objetivo maior é firmar o português como uma língua maior por pertencer a notável gente (Cf. BATISTA, 2010).

Fernão de Oliveira ainda orienta: “Então desconfiemos da nossa língua porque os homens fazem a língua e não a língua os homens” (1536, p. 13). Neste fragmento há uma ideia interessante que é a da língua enquanto um constructo social elaborada dentro do seio de uma sociedade por seus indivíduos. O autor continua sua explanação dando exemplo das línguas grega e latina, que inicialmente eram “grosseiras”, mas que foram recebendo o devido polimento com o passar dos anos (1536, p. 14). Ao contrário dos tratados latinos de gramática, o frade nos seus comentários busca descrever a língua apontando sua singularidade em detrimento de outras, essa peculiaridade repousaria justamente na fala. O gramático português inicia sua explicação sobre a fonética, por assim dizer, apontando:

Examinemos a melodia da nossa língua e essa guardemos como fizeram outras gentes, e isto desde as mais pequenas tomando as vozes e cada uma por si e vendo em elas quantos diversos movimentos faz a boca com também diversidade do som e em que parte da boca se faz cada movimento porque nisto se pode discutir mais distintamente o próprio de cada língua. (OLIVEIRA, 1536, p. 17)

Neste fragmento o autor revela a importância de registrar a língua, a exemplo de várias outras sociedades que o fizeram, bem como a relevância de se atentar mais do que a estrutura sintática, a mecânica da fala. Durante diversos momentos do seu trabalho pode se observar um esforço em demonstrar em que partes a língua portuguesa se distingue das demais e como ela pode ser compreendida.

Sua descrição revela ainda um caráter didático já que há uma preocupação em comentar as maneiras que se pode fazer para alcançar aquilo que seria segundo ele a língua portuguesa. Ele reconhece ainda as afinidades linguísticas existentes entre os povos, como é perceptível na passagem:

E assim e verdade que os gregos com os latinos: e os hebraicos com os arábicos: e nós com os castelhanos que fomos mais vizinhos concorremos muitas vezes em umas mesmas vozes e letras: e com tudo não tanto que fique alguma particularidade a cada um por si uma só voz e com as mesmas letras e a nós e aos castelhanos guerra e papel: e no pronunciar quem não sentir a diferença que temos porque eles escondem-se e nós abrimos

mais a boca: e quase podemos dizer que o que da a entender Horácio na Arte Poética dos gregos e latinos temos entre nós e os castelhanos: porque a eles deu a natureza afeiçoar o que querem dizer: e nós falamos boqui cheios com mais majestade e firmeza. (OLIVEIRA, 1536, p. 18)

Por vezes, comparado com a língua atual a escrita de Fernão pode carecer de sentido ou demandar certas adaptações que são compreensíveis dentro do processo de formação da língua que pressupõe continuidades e descontinuidades. Fato é que no fragmento o frade português aponta o parentesco linguístico e até mesmo uma certa concorrência existente entre determinadas línguas. Ao se referir ao português comenta sobre a proximidade com o castelhano, mas reafirma a singularidade de sua língua do ponto de vista da fonética.

Antes da formação da gramática do português é possível observar outro trato gramatical feito em Portugal, só que este tratava a respeito do latim e se configurava como uma cópia daquilo que foi elaborado por Donato no Império Tardio. A respeito deste documento tem-se o trabalho de Gonçalo Fernandes (2016) intitulado *A Ars minor donatiana do mosteiro de Alcobaça (séc. XIII) e a edição crítica de Holz (1981)*. O códice medieval de Alcobaça é desenvolvido no contexto de retomada da Península Ibérica. O códice em questão se configura como um documento importante para se compreender o período de formação do pensamento linguístico em Portugal, o que resultou posteriormente na formação da língua portuguesa, e sua gramatização.

Fernão de Oliveira constrói aquilo que nomeia de anotações de maneira a destacar o ineditismo do português frente a outras línguas, mas sempre tendo em mente o que se observava do latim e do grego. Uma das passagens na qual se observa mais claramente essa semelhança com o latim é ao falar sobre como se declina os nomes (p. 70).

O filólogo português aponta que “os nomes se declinam em gênero e números: em gêneros como moço, moça, em números como moço e moços, moça e moças”. Essa categorização apresenta uma diferença em relação a gramática latina na quantidade de gêneros e similaridade quanto aos números, como pode-se observar no fragmento do códice:

*Genia nominum quot est? Quattuor. Que? Masculinum ut hic magister, femininum ut haec musa, neutrum ut hoc scamnum, commune, ut hic et haec sacerdos. est praeterea trium generum, quod omne dicitur, ut hic et haec et hoc felix; est epicoenon, id est promiscuum, ut passer aquila. numeri nominum quot sunt? duo. qui? singularis, ut hic magister, pluralis, ut hi magistri.*

A tradução desta passagem é apresentada por Dezotti (2011) como sendo:

Os gêneros dos nomes são quantos? Quatro. Quais? Masculino como hic magister; feminino como haec musa; neutro como hoc scamnum; comum, como hic e haec sacerdos. Há ainda o de três gêneros, chamado de universal, como hic e haec e hoc felix, e também o epiceno, isto é indistinto, como passer, aquila. Os números dos nomes são quantos? Dois. Quais? Singular como hic magister; plural como hi magistri. (DEZOTTI, 2011, p. 109)

Na gramática observada no códice não apresenta um esforço em demonstrar o diferencial da língua. Se tratava de um contexto de retomada e de consolidação do que se tornaria o império português de modo que o latim poderia ser lido culturalmente como a afirmação da herança romana que os portugueses tinham. O contexto de Fernão já revela a busca por demonstração de singularidade de modo que o autor se vale de clássicos e revela ser um estudioso do campo da linguística fazendo um trabalho filológico de descrição que em muito aponta para a maneira como se valeram do conhecimento existente nos tratados anteriores e desenvolveram algo novo: o português. A língua portuguesa seria a evolução do latim, o surgimento de uma nova forma de se comunicar que dizia respeito a distinta gente presente no território português. Não nega o passado, aponta para de que maneira no presente as relações linguísticas se davam para que no futuro pudesse ser ensinado. Ao falar sobre o ineditismo da obra de Fernão, Henriques Barroso afirma:

A publicação, em 1536, da *Grammatica da lingoagem portuguesa* de Fernão de Oliveira representa, de facto, uma 'revolução' porque (para já, só as aceções globais): 1. Fernão de Oliveira foi o 1.º gramático português do português; 2. escreveu a 1.ª gramática da língua portuguesa em português, e não em latim ou castelhano, como era normal/habitual; 3. foi um dos gramáticos mais originais do seu tempo: 3.1. por ter sido o mais importante foneticista da Renascença, 3.2. pelo pioneirismo (apresentou o 1.º esboço de lexicologia e a 1.ª teoria da composição das palavras na história da linguística românica) e 3.3. pela atualidade do seu pensamento; 4. foi, por isso, um verdadeiro linguista, muito antes do tempo. (BARROSO, 2019, p. 178)

Hoje é possível observar nas gramáticas de língua portuguesa uma parte destinada a fonética e a fonologia. Na Breve Gramática do Português Contemporâneo o brasileiro Celso Cunha e o português Lindley Cintra (2008) separam alguns parágrafos para explicarem o funcionamento da fala, como se constitui o aparelho fonador, de que forma os sons são emitidos, chegam inclusive a apresentarem ilustrações que representem o aparelho fonador. A existência de um capítulo de uma gra-

mática contemporânea dedicada a explicar a questão dos sons mostra como o trabalho de Fernão de Oliveira foi significativo, pioneiro e basilar para a história da língua.

O português atualmente se configura como uma língua que é falada em vastíssimo território, como uma língua viva apresenta internamente uma grande quantidade de variedade que, de acordo com Celso e Cunha (2008), divergem de forma mais ou menos acentuada em relação a pronúncia, à gramática e ao vocabulário.

Estudar a história da língua revela como ao longo do tempo os processos de continuidade e descontinuidade colaboraram para construção de uma cristalização do idioma, nas gramáticas, e na importância que ela tem para a construção das sociedades no aspecto cultural e político. A consolidação do português, bem como sua variação desde o latim até o momento de sua emergência, revela traços da identidade dos falantes.

#### **4. Considerações finais**

A língua portuguesa ao longo de sua história viveu uma verdadeira continuidade, desde sua consolidação não passou por momentos de rupturas. A mudança do latim em um novo idioma revela a emergência de uma sociedade mais complexa onde as identidades ganham cada vez mais importância.

A obra de Fernão de Oliveira se configura como um tratado gramatical pioneiro que não apenas funda a formalização do português como também firma Portugal frente a outras sociedades. Ela se revela uma obra fruto de seu contexto de expansão portuguesa, bem como do nascimento de uma intelectualidade renascentista humanista. Desta forma, Fernão foi na verdade um homem de seu tempo e um homem afrente de sua geração. Seus escritos revelam a demanda que os acontecimentos ao seu redor impunham, bem como sua vida marcada por muitos altos e baixos. Entretanto, a inovação presente no seu pensamento serve de base para as gerações seguintes.

O códice de Alcobaça mostra uma estrutura ainda semelhante com o que se observava no Império Tardio, enquanto os comentários de Fernão de Oliveira já revelam uma inovação que só é possível de ser compreendida por meio da investigação historiográfica que revela como a língua era relevante no processo de expansão. Em todos os casos, o estudo da história da língua nos ajuda a entender como a nossa pró-

pria identidade foi formada e em que momentos podem se verificar eventos que transformam a maneira de pensar a sociedade. Assim, conclui-se que, o português desde sua formação se apresenta como uma língua viva, rica em variedade e formas que não a enfraquecem enquanto idioma, ao contrário salientam sua unicidade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Thaís. BARBUTO, Ana. Fernando de Oliveira: homem do mar e das letras. *Revista de Villegagnon*, 2012. Disponível em: <http://www.redebim.dphdm.mar.mil.br/vinculos/000005/000005ab.pdf>.

BARROS, Clara Araújo. História da língua / Ensino da língua. *Revista da Faculdade de Letras: Línguas e Literaturas*, II série, v. 14, p. 81-98, 1997.

BARROSO, Henrique. De uma revolução no mundo da língua portuguesa: A publicação da Gramática de Fernão de Oliveira. *Confluência: Revista do Instituto de Língua Portuguesa*, 56, p. 176-196, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/7039398.pdf>.

BATISTA, Ronaldo de Oliveira. Formas da gramática renascentista: percepção e abordagem da diversidade linguística em Fernão de Oliveira. *D.E.L.T.A.*, 26:2, 2010.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual. Conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

DEZOTTI, Lucas Consolin. *Arte menor e Arte maior de Donato*. Tradução, anotação e estudo introdutório. São Paulo. 2011.

\_\_\_\_\_. As “partes da oração” de Donato aos Modistas. *ReVEL*, v. 8, n. 14, 2010.

FARIA, Ernesto. *Gramática Superior de Língua Latina*. Rio de Janeiro: Livraria. Acadêmica, 1958.

FERNANDES, Gonçalo. A Ars minor donatiana do mosteiro de Alcobaça (séc. XIII) e a edição crítica de Holz (1981). *Beiträge zur Geschichte der Sprachwissenschaft*, 26, 2016.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

HERCULANO, Alexandre. *História de Portugal desde o começo da monarquia até ao fim do reinado de Affonso III*. 3. ed. Tomo I. Lisboa: Em casa da viúva Bertrand e filhos, 1863.

KOERNER, E. F. Konrad. *Quatro décadas de Historiografia Linguística: estudos selecionados*. Braga: Publito, Estúdio de Artes Gráficas, 2014. Disponível em: [https://www.utad.pt/cel/wpcontent/uploads/sites/7/2018/05/CEL\\_Lingu%C3%ADstica\\_11.pdf](https://www.utad.pt/cel/wpcontent/uploads/sites/7/2018/05/CEL_Lingu%C3%ADstica_11.pdf).

MATTOSO, José. *Portugal medieval: novas interpretações*. Lisboa: Círculo de Leitores, 2002.

MORAES, Fernando de Oliveira: um humanista genial. Aveiro: V centenário do seu nascimento, 2009.

NUNES, Ruy Afonso da Costa. As Artes Liberais na Idade Média. *Revista de História*, v. LI, n. 101, 1975.

SWIGGERS, Pierre. *Linguistic historiography: object, methodology, modelization*. *Todas as letras*, v. 14, n. 1, 2012 Disponível em: <http://edito rarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/download/4527/3489>.

OLIVEIRA, Fernando. *Gramática da Linguagem portuguesa*. Lisboa, 1536. Disponível em: <https://purl.pt/120/3/#/1>.

### Outras fontes:

Encontro Língua Histórica e história da Língua Portuguesa Porto - *Língua histórica e história da língua portuguesa: actas*. Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Letras, 2004.

PAPIAS,10-[Glossarium latinum: (Q-Z); De arte grammatica / Textos didáticos / São Jerónimo... [et al.]. [1176-1225]. [259]f. (2 colunas, 30 linhas): pergaminho, il. color.; 370x260 mm.